

ECONOMIA POLÍTICA A PARTIR DAS COMUNIDADES I¹

Débora Assumpção e Lima

Doutoranda do Departamento de Geografia, Instituto de Geociências – UNICAMP
Pesquisadora visitante do Departamento de Desarrollo Rural da Universidade Autónoma
Metropolitana, campus Xochimilco
Bolsista CNPq
deborassumpcaolima@gmail.com

Boa tarde companheiros e companheiras,

O que vou contar a vocês, contado – não lido, é sobre como era e como é a economia a partir das comunidades, e a partir do capitalismo. Vou falar de como era 30 anos atrás, de uns 20 e poucos anos atrás e de agora. Vou contar essa história em três partes: como viviam as comunidades desde antes, 30 anos atrás; como vivem agora aqueles que não estão organizados como zapatistas e logo depois como vivemos nós como zapatistas agora.

Isso não quer dizer que não sabemos dos séculos passados, pois nós sabemos. O que queremos demarcar aqui é que já que temos 30 anos, desde 1983 quando chegou o grupo de companheiros. Desde aquele dia até hoje temos mais de 30 anos.

Quando não havia chegado o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), nós, os indígenas de Chiapas, não existíamos para o sistema capitalista, não éramos gente, não éramos humanos. Nem sequer lixo éramos para eles. E assim nos imaginavam, como os demais irmãos indígenas no resto do nosso país. E assim nos imaginam em todos os países onde existem indígenas.

No lugar onde vivemos, ou seja, nas montanhas, nas serras, eles o têm delimitado como uma reserva. Não sabem nem se existem indígenas aí na Biosfera de Montes Azules, como se diz². E ninguém dava conta de quantos meninos e meninas estavam nascendo. Ou seja, o capitalismo não sabe de nada, não leva em conta nada disso porque não existimos para eles.

Então como sobrevivemos aí? Pois com a mãe terra. A mãe terra é a que nos dá a vida, ainda que não exista governo, governadores ou prefeitos que se lembrem de nós. Somos esquecidos pela sociedade. Só o que havia lá que interessava em nossos povoados

¹ Tradução do texto “Economía Política I. Una mirada desde las comunidades”, do Subcomandante Insurgente Moisés. O texto é a exposição do Subcomandante no Seminário “El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista”, realizado dia 05 de maio de 2015 no Caracol Oventic e na CIDECI/Universidad de la Tierra Chiapas, localizada em San Cristóbal de las Casas, Chiapas, México. As apresentações do seminário foram organizadas em livro que leva o mesmo nome em 2016.

² A Biosfera de Montes Azules localiza-se nas proximidades da fronteira México e Guatemala, no estado de Chiapas. A reserva de mais de 300 mil hectares foi decretada em 1978, e pertence à zona central da Selva Lacandona, importante região de presença zapatista. [Todas as notas são notas da tradutora, e não constam no texto original. As notas de rodapé têm como intuito esclarecer algumas referências – de lugares, pessoas, fatos históricos e outras questões ligadas ao contexto político e agrário mexicano.]

e comunidades eram as boas terras. Havia alguns homens, claro, com suas mulheres, os donos de terra, os fazendeiros, os latifundiários.

Eles são os que têm milhares de hectares de terras boas, boa água, bom rio. Por isso nos tiraram de lá, nos empurraram até as serras, porque para eles as serras não serviam, não provêm nada para eles, então ali nos jogaram.

Para que servem esses milhares e milhares de hectares de terras boas para eles? É para ter milhares e milhares de cabeças de gado, vacas. Como é que puderam manter-se lá durante tantos anos? Porque eles têm bons pistoleiros, que nós chamamos de “*guardias blancas*”³, que não nos deixavam passar em seus terrenos, na terra que diziam ser deles.

Então, como podemos falar de economia nas comunidades se estamos esquecidos? O único que eles fazem é explorar suas fazendas, onde puseram para trabalhar nossos avós e bisavós. O que aconteceu foi que tivemos que inventar, tivemos que imaginar como temos que viver, sobreviver da nossa mãe terra, resistindo todas as maldades praticadas pelos donos de terra e latifundiários.

Eles nunca souberam se existiam estradas, nunca souberam nem o que se chama de clínicas ou hospitais, muito menos de escolas – ou o que convém chamar de escola – ou pátios de escolas, para a educação. Nunca houve campanhas de saúde, programas, políticas públicas, bolsas de estudos, nada. Estávamos esquecidos⁴.

Então, como estamos dizendo – porque falo de todos os irmãos e companheiros que estamos organizados agora, não falo somente por mim –, vemos que já se cumprem 20 anos de economia capitalista nas comunidades, porque começaram a interessar-se pelas comunidades, não tanto pelas comunidades, mas sim por onde vivem, por onde vivemos, por onde viveram, porque também há irmãos e companheiros mortos e mortas.

Primeiro é que não lhes bastaram ter as melhores terras, que para eles já foi de muito proveito durante anos. Agora se deram conta de que nas serras, nas montanhas, existe outra mercadoria para eles, que já disseram em nossas comunidades várias vezes: os recursos naturais. E assim eles começam a reorganizar-se para voltar a nos desalojar, tirar do lugar onde nos reassentaram, e agora retornam para nos saquear. Ou seja, nos despejam, nos destituem, porque querem essa riqueza.

³ Os “*guardias blancas*” são grupos de pistoleiros ou paramilitares formados por policiais, ex-policiais, membros de gangues e outros grupos, vaqueiros contratados por latifundiários para reprimir e desaparecer com lideranças e movimentos de camponeses sem terra. Os “guardas brancos” estão mais presentes no centro-sul mexicano, principalmente nos estados de Oaxaca e Chiapas. Para mais detalhes sobre esse tema, é possível consultar o livro “*Resistencia campesina y explotación rural en México*” (1987), de Blanca Rubio.

⁴ Sobre o esquecimento estrutural dos indígenas ver o texto zapatista “Palavras do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena-Comandância Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional, 1 de janeiro de 2018 – 24º Aniversário do início da guerra contra o esquecimento”, disponível em português em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2018/02/16/palavras-do-comite-clandestino-revolucionario-indigena-comandancia-geral-do-exercito-zapatista-de-libertacao-nacional-1-de-janeiro-de-2018> .

E essa riqueza que está aqui, conosco e com nossas tataravós, eles a têm bem cuidada, e é o que querem levar, saquear; esses capitalistas que em poucos anos vão destruir o que demorou bilhões de anos para que a mãe terra criasse.

Como é isso? Já sabem, uma artimanha, malícia feita pelo sistema capitalista quando modificaram o artigo 27⁵ para que pudessem privatizar os *ejidos*⁶, para que agora possam vender ou arrendar a mãe terra.

Vou ter que convidar vocês a imaginarem porque estamos falando de 20 anos atrás, ou seja, quando saímos à luz pública.

Quando o governo se deu conta de que assim estavam as coisas, agora sim, disfarçado de várias maneiras, uma é que então o *mau governo* diz que já está cumprindo nossas demandas, colocando estradas. Mas não é por isso que estão construindo as rodovias, é pela modificação do artigo 27 para privatizar os *ejidos*. Desta forma, o governo aproveita a situação de duas maneiras: porque já se deu conta de que nos levantamos, agindo agora como se estivesse cumprindo com nossas demandas e começa a colocar

⁵ Em 1992, o governo presidencial de Carlos Salinas modifica o artigo 27, que havia sido escrito no contexto da revolução mexicana, em 1917. O artigo constitucional 27 legitima a distribuição agrária, isto é, com a obrigação do Estado de "fornecer suficiente terra e água ... de acordo com às necessidades de sua população sem, em caso algum, deixar de ser concedido na medida em que eles precisam ... "(artigo 27 da Constituição anterior à reforma ao artigo constitucional 27 da reforma de 1992). Para explicar esta medida, devemos lembrar que desde 1917 até 1992 foram reconhecidos mais de 30 mil *ejidos* e comunidades, 103 milhões de hectares distribuídos pela reforma agrária, formalizando 3,5 milhões de *ejidatarios* e *comuneros*. Isso significa dizer que mais da metade do território mexicano é constituído por pequenas comunidades de *ejidos* e terras comunais. As mudanças do artigo 27 em 1992 abriram as portas para a privatização direta das terras *ejidais* e indireta para as terras *comunais*, uma desregulaziração agropecuária e uma intensificação de culturas para exportação e diminuição de cultivos para abastecimento das populações locais. A modificação do artigo 27 juntamente com a assinatura do Tratado de Livre Comércio com os EUA, e as modificações na Lei de Mineração do México retiram e enfraquecem os direitos e a autonomia das comunidades agrárias que haviam sido conquistadas no começo do século XX, colocando o desenvolvimentismo, a construção de megaprojetos e a extração de recursos minerais como prioridades quase inquestionáveis do uso da terra. Além do artigo 27, os artigos 41, 44, 63, 73 e 76 da Constituição mexicana também remetem às questões agrárias. É possível encontrar centenas de referências sobre o tema. Alguns dos autores consultados para essa nota foram: Armando Bartra, Arturo Warmam, Luciano Concheiro, Violeta Núñez, e diversas matérias do jornal *La Jornada*.

⁶ A estrutura agrária mexicana é composta basicamente por 3 formas de titulação de terras: a propriedade privada, *ejidos* e terras comuns. Os *ejidos* são uma sociedade de interesse social, integrada pelos camponeses mexicanos de nascimento (já que estrangeiros não podem comprar terras no país), com um patrimônio inicial ou original constituído pelas terras, florestas e águas que o Estado lhes dá gratuitamente em bens inalienáveis, intransferíveis, não embargáveis e imprescritíveis, sujeitos a produção e aproveitamento às modalidades estabelecidas na lei, sob a orientação do Estado em termos de organização de sua administração interna, com base na cooperação e na democracia econômica, e cujo objetivo é a exploração e o uso integral de seus recursos naturais e humanos, através do trabalho pessoal de seus parceiros (*ejidatarios*) para seu próprio benefício. As terras *ejidais* são divididas em terras parceladas, terras de uso comum e terras para o assentamento humano. As terras *comunais* são propriedades coletivas de comunidade ou de grupo social que está vivendo sobre uma determinada área há séculos, há diversas gerações ou que possuem títulos de posse da terra de períodos coloniais, ou povos originários que conseguiram comprovar a ocupação de um território. As terras *comunais* são organizadas coletivamente e possuem grande diversidade na forma de vida e nos modos de plantio. As decisões são tomadas por uma comissão e seus conselheiros, eleitos em assembleias. Não é possível vender terras comunais, apenas realizar concessões de uso. Atualmente, os 196,7 milhões de hectares que compõem o território nacional mexicano estão distribuídos: 54,1% corresponde à propriedade social dos núcleos agrários, composta por 5,6 milhões de *ejidatarios* e *comuneros*, com extensão média por camponês de 18,7 hectares; 35,7% do território titulado como propriedade privada, com 1,6 milhões de proprietários, e uma extensão média de 43,5 hectares por proprietário. As terras nacionais cobrem uma área de 7,2 milhões de hectares, divididos em 144 mil propriedades e, finalmente, 654 colônias agrícolas totalizando uma área de 3,8 milhões de hectares e uma média por colono de 61,7 hectares.

estradas, começa a financiar projetos e nos dar acesso a políticas públicas; e o projeto é coisa de um milhão ou dois milhões de pesos⁷, entre cem, duzentos, trezentos projetos, e o que resta deste dinheiro é uma miséria, e mesmo assim não vai para as comunidades – volta para o bolso dos políticos; e isso é o que nos dizem, que fazem propaganda.

Se contasse tudo o que dizem os companheiros e companheiras, e os irmãos sobre esses projetos iríamos longe. Existem projetos que se chamam “*pecesito*”⁸, o que quer que isso venha a significar. Por isso muitos projetos já começam com pouco dinheiro.

E começaram a surgir algumas escolas, algumas clínicas. Os alunos nem sabem ler e já ganham bolsas de estudos. E nas clínicas, eles dizem que, se você fornecer seu novo cartão de identificação de seguro de saúde popular, eles cuidarão de você. E na hora que você necessita não há médicos ou médicas, e se estão para te atender dizem que não há medicamentos; e se estão os médicos e médicas e os medicamentos, o remédio está fora do prazo de validade. Porém como não sabemos ler, lá está o doutor ou doutora, te dão o remédio vencido e não é para curar sua dor. O objetivo é apenas fazer parecer que eles estão dando uma medicação que você nem sabe se é o medicamento que você precisa para sua enfermidade.

Assim como estou descrevendo, projetos como esse começaram a aparecer ao longo dos anos. Uma vez que o *mau governo* implementou esses projetos que distribuem migalhas, utilizaram isso para controlar as comunidades e os zapatistas. Acho que eles chamam isso de campanha contra-revolucionária ou guerra de baixa intensidade, não sei como eles denominam, mas é para nos controlar, para que você não lute ou não se rebelde mais, como "aqui está, agora estamos cumprindo o que vocês exigiram. E se você está pensando em se juntar aos zapatistas, apenas observe as forças armadas estatais, eles estão muito bem preparados, e tudo o que você está fazendo é enviar-se para sua morte".

Digo isso porque as comunidades que permitiram que seus *ejidos* fossem privatizados - porque houve alguns que o permitiam - agora são como as cidades cheias de vagabundos, vagando sem-teto, viciados em thinner, cola e esse tipo de coisa. Receberam os títulos das propriedades como se fossem donos de fazenda – no caso, como donos de pequenas fazendas, pequenos proprietários – e, uma vez que possuem os documentos da propriedade, vão e vendem. E agora, estão na sarjeta, sem nenhum lugar para cultivar o seu milho, seus feijões.

⁷ Peso mexicano é a moeda oficial dos Estados Unidos Mexicanos. Entre 2016 e janeiro de 2018, R\$ 1,00 era equivalente, em média, a MXN\$ 5,60.

⁸ De acordo com a nota da tradução deste texto para o inglês, o Subcomandante Moises está ironicamente comentando sobre um projeto que se chama “Pececito” (não foi possível encontrar maiores referências sobre o projeto. A única referência remota remetia a um projeto com foco em juventude e de conteúdo religioso), palavra que pode significar pequeno peixe, peixinho. Pela semelhança sonora referir-se à um peso mexicano (MXN\$1,00) – “un pesesito” – forma também de pedir dinheiro ou de referir-se a algo de pouco valor.

Aqueles que receberam algum projeto ou benefício social de algum tipo, agora se veem obrigados a pagar os juros, como o capitalismo dita. Apenas para dar alguns exemplos: pelo Caracol de La Realidad⁹, existe uma comunidade chamada “Agua Perla”, onde corre o rio Jataté. Essa comunidade recebeu esses projetos governamentais e agora há um grupo de caxlanes¹⁰, mestiços que dizem: “senhores, está aqui o que vocês devem. Esta terra já não é mais de vocês e apenas para que não tenhamos problemas, por que vocês não somem daqui e vão para a Escarcega – isto é, para Campeche, acho que Escarcega está em Campeche – ou porque vocês não se mudam para Oaxaca - onde há lutas com o governo de Chiapas e o governo de Oaxaca, Las Chimalapas.¹¹

E agora eles estão pedindo para os habitantes que são partidários. Chamo-os de partidários porque antes, eram apenas os seguidores do PRI¹², os PRistas que estavam acabando com a gente, e agora são todos os partidos políticos, então é por isso que agora os chamamos partidários.

Em Roberto Barrios, uma comunidade chamada Chulum Juárez também tem recebido projetos. E aconteceu o mesmo: eles ofereceram para construir uma rodovia, e a comunidade aceitou porque seria pavimentada e começaram a construí-la muito rapidamente, coisa de meses, e muito bem-feita a rodovia. Agora que há uma rodovia, agora que eles receberam suas telhas – aquelas baratas, de zinco ou laminadas de plástico ou alumínio – para suas casas, agora que colocaram cascalho nas estradas da comunidade, agora que tudo isso está no lugar, com a estrada no lugar, agora eles vêm e eles dizem: " senhores, você vão ter que sair porque há urânio nesta montanha e o governo vai extraí-lo. Então, se vocês quiserem viver, necessitam sair. Vão para Oaxaca, se quiserem. Se vocês não saírem sozinhos, seremos forçados a tirá-los".

É isso que eles vêm planejando há 20 anos, e agora estão conseguindo. Ainda mais agora que mudaram as leis, para o sistema capitalista já deu certo, isso é o que dizem e é o que está no papel. Mas nós pensamos que mesmo quando os papéis dizem que já

⁹ Comunidade de zapatistas de grupos indígenas tojolabales, tzeltales e mames.

¹⁰ pessoas não indígenas.

¹¹ Las Chimalapas, município de Santa María Chimalapas ou a zona da Selva de Los Chimalapas, é povoada pela etnia zoque, considerada como autóctone, originária e zapotecos, mixtecos, tzeltales, tzotziles, mestizos, michoacanos, chiapanecos e veracruzanos. A grande maioria se dedica a agricultura, pecuária, extração de madeira e caça para consumo familiar. Área de conflito agrário desde tempos coloniais, e luta indígena pela demarcação das terras, desde os anos 1970 vem enfrentando diversas pressões. A arbitrariedade do governo em expropriar terras e titulá-las para etnias de outras localidades, a chegada de populações indígenas que foram expulsas de outros lugares pela construção de megaprojetos, como a construção da represa de Malpaso, em Chiapas, de Miguel Alemán Valdés (Temazcal) e *Miguel de La Madrid Hurtado (Cerro de Oro)* em Oaxaca, a concessão de uma área à mineradora canadense Minaurum Gold, conflitos religiosos, políticos e preservacionistas intensificaram a tensão pelas terras e sua ocupação e pelos limites territoriais, conflitos que perduram até os dias atuais.

¹² O Partido Revolucionário Institucional (PRI) é um dos principais [partidos políticos](#) do [México](#), e teve o poder hegemônico sobre este país entre [1929](#) até [2000](#). É o partido ao qual pertence o atual presidente mexicano, Enrique Peña Nieto. Originalmente, era o Partido Nacional Revolucionário (PNR) e é membro da Internacional Socialista, apesar de ser responsável pelas medidas neoliberais e pelas privatizações realizadas no país. Apesar das divergências históricas, poderíamos associar seus atuais posicionamentos e capacidade política ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

está autorizado, é preciso consultar as comunidades, ver se elas vão se defender ou se vão trair seu próprio povo, e claro, nos consultar, consultar os zapatistas.

À luz de todas essas coisas sobre as quais eu estou falando, a questão para nós é por que estudamos nossa própria história, por que eles, os capitalistas, mudam a maneira de nos dominar para continuar ganhando mais do que já acumularam? Por que nós, os explorados e exploradas, continuamos aceitando?

Isso é o que nos perguntamos, porque com os irmãos e irmãs partidários – é assim que nos referimos a eles, porque também fazemos uma distinção entre partidários que não nos prejudicam, a quem chamamos de "irmãos" e "irmãs". Todavia, não vamos chamar "irmãos" e "irmãs" aos malditos paramilitares" – esses caras são uns verdadeiros desgraçados.

Isso é o que acontece com os irmãos e irmãs partidários. Uma vez que viemos à luz pública – como a companheira Vilma diz – nós, os zapatistas, recuperamos nossa mãe terra. É como se tivessem levado nossa mãe para longe de nós e tivéssemos que ir buscá-la, e uma vez encontrada ela deve ser recuperada. Podemos dizer isso de muitas formas, mas o objetivo é que nossa mãe retorne, não é? E não brigar entre nós.

Então algo aconteceu: tiraram nossa mãe e começamos a nos organizar porque isso é o que vem primeiro. Primeiramente temos que nos organizar, e foi o que fizemos. Organizamo-nos como mulheres e homens para recuperar nossa mãe, não há outro modo de dizer.

Tudo surge da mãe terra, então tivemos que ir recuperá-la, e então começamos a nos organizar para ver como trabalhá-la. Com o passar dos anos, o mau governo e os patrões, os latifundiários, começaram a dizer que, por culpa nossa, dos zapatistas, essas terras, esses milhares de hectares eram agora improdutivos. E nós, os zapatistas, aceitamos isso: não são produtivas para os proprietários ou para o capitalismo, mas são produtivas para nós. Para eles o negócio era obter milhares de cabeças de gado e, o que a terra produz agora são milhares e milhares de espigas de milho.

A mãe terra primeiro nos deu pequenas espigas nas terras que os proprietários de terras nos tiraram – não é verdade que estamos tirando a terra de ninguém – já que a terra era nossa. Eles tinham maltratado tanto a mãe terra que nossas primeiras colheitas eram pequenas. Como nossos avós já sabiam como trabalhar a terra, pouco a pouco conseguimos encontrar nosso caminho novamente, mais uma vez, com nossa mãe terra.

Trabalhamos coletivamente essas terras que recuperamos. Dizemos "coletivamente", mas é preciso muita prática para descobrir como fazer isso. Por exemplo, no começo, trabalhávamos a terra coletivamente, ninguém tinha sua própria *milpa*¹³. E em

¹³ A milpa é um dos sistemas de cultivos mais importantes da América Latina, originária da região mesoamericana – que compreende México, Guatemala, Belize, El Salvador e Honduras. Esse agroecossistema

períodos de muita chuva, ou de seca, ou uma tempestade, começamos todos a sofrer perdas. Daí os companheiros começaram a dizer que não, não devemos fazer as coisas assim; melhor não nos organizamos e chegamos a um acordo sobre quantos dias contribuimos para o trabalho coletivo e quantos dias para nosso próprio lote.

Sobretudo as companheiras apresentaram essa ideia, porque são elas que cultivam os aromas e temperos da comida – o cheiro verde, as cebolas e outros aromas que as companheiras usam para cozinhar. Como tudo é coletivo, quando uma companheira enviava seu filho ou filha para a *milpa* para colher uma erva ou um alimento, todos iam e traziam de tudo, porque pertencia a todos, mas ainda não havia um acordo sobre isso.

Aí começou a gerar problema, o que levou os companheiros a descobrirem e criarem diversas maneiras de como proceder e criar acordos; como o que fazer se alguém quiser pegar um pouco de milho, porque, como a *milpa* é coletiva, se uma pessoa pega um pouco de milho, se acaba tudo, é como se fosse uma violação da forma coletiva; no entanto não havia acordo sobre como usá-la. Então, as companheiras fizeram um acordo - x número de dias, todos trabalhamos coletivamente, e x número de dias trabalhamos para nós mesmos.

O trabalho coletivo é feito na escala da aldeia, ou seja, local, comunitário; também é feito no nível regional, onde a região seria um grupo de 40, 50 ou 60 aldeias e nível municipal, que consistiria um grupo de 3, 4 ou 5 regiões – pensando aqui na organização dos municípios autônomos rebeldes zapatistas. E quando dizemos "trabalho coletivo de zona", significa o trabalho de todos os municípios que existem em uma zona como Realidad, ou Morelia, ou Garrucha – as cinco zonas ¹⁴.

São centenas e centenas de povoados e comunidades que formam uma zona, e algumas dezenas dos municípios. E assim se trabalha coletivamente, que não é nada mais que trabalhar a (e na) mãe terra.

de base agrícola indígena e camponesa, é caracterizado pelo cultivo do milho, do feijão e da abóbora como pilares, associados a mais de centenas de outras plantas, arbustivas e arbóreas e de ervas medicinais. A variedade e o consórcio das plantas são bastante diversos, de acordo com cada região e suas características naturais.

¹⁴ Desde 2003, os zapatistas divulgaram que cada uma das cinco regiões com presença zapatista em Chiapas (Los Altos, Selva Tseltal, Selva de Fronteira, Tzots Choj e Zona Norte) está organizada de forma rotativa nas chamadas "*Juntas de Buen Gobierno*" (Juntas do Bom Governo) – JBG. Seus locais estão nos '*Caracoles*': La Realidad, La Garrucha, Roberto Barrios, Oventic e Morelia. Sobre a organização dos municípios zapatistas, a formação dos *caracoles* e das JBG existem diversos textos. Podemos citar o artigo "La autonomía como eje de la resistencia zapatista. Del levantamiento armado al nacimiento de los Caracoles" (2004), de Raul Ornelas publicado pela Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLASCO), disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101018124258/8ornelas.pdf>. E os textos dos próprios zapatistas, todos de 2003: "Chiapas: la treceava estela. Primera parte: un caracol", disponível em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2003/07/21/chiapas-la-treceava-estela-primera-parte-un-caracol/>; "Chiapas: la treceava estela. Segunda parte: una muerte", disponível em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2003/07/21/chiapas-la-treceava-estela-segunda-parte-una-muerte/>; e "Chiapas: la treceava estela.. Tercera parte: un nombre. La historia del sostenedor del cielo", disponível em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2003/07/21/chiapas-la-treceava-estela-tercera-parte-un-nombre-la-historia-del-sostenedor-del-cielo/>.

Vou lembrá-los que o extinto Sup Marcos¹⁵ nos contou, no tempo em que eles nos disseram que não éramos anticapitalistas porque bebemos Coca Cola. Não sei se alguém aqui pode se lembrar disso. Como posso explicar isso? O que acontece é que eles nos idealizam, eles pensam é só a gente dizer e pronto, tudo acontece. Não, companheiros e companheiras, irmãos e irmãs. O que na verdade somos é sim organizados.

Vou dar um exemplo mais claro. Lembro-me de que uma companheira da cidade estava realmente brava porque testemunhou um companheiro zapatista gritando com sua companheira porque ele estava chapado, bêbado. Então, dissemos à companheira: seja companheira calma, porque essa companheira vai denunciá-lo às autoridades, e amanhã ou no dia seguinte esse companheiro terá que enfrentar uma punição. Você não deve pensar isso porque dizemos a palavra "limpa" que, magicamente, tudo estará limpo; que se dissermos a palavra "preto", então, magicamente, tudo será preto. Não, isso está idealizando a situação. Mas sim, se a companheira o denuncia, a punição virá.

O objetivo é estar organizado. Porque antes, quando havia mulheres sendo maltratadas e desrespeitadas, não havia secretário municipal, não havia vereador, não havia prefeito para resolver os problemas das companheiras. E muitas vezes, o que esperar se os vereadores, secretários e prefeitos também são agressores? Como poderiam resolver alguma coisa?

Bem, então, estamos falando de trabalho coletivo. Temos outros tipos de trabalho coletivo, como a venda daquilo que acabei de mencionar [a Coca Cola]. E não é porque gostamos, porque para nós, mulheres e homens zapatistas, para acabar com o capitalismo, temos que destruí-lo. E uma maneira de destruí-lo é coletivizar os meios de produção e administrá-los nós mesmos. Se vendemos coisas - como por exemplo, aqui temos a terra, mas e quanto a isso? Quanto ao vaso onde estão essas flores? É produzido pelo capitalismo ou, não é? Seus óculos? E isso, e aquilo, e tudo que trazem?

Mas sim, entendemos isso como uma forma de danificar o capitalismo. É verdade que vamos baixar seus lucros um pouco. Isso não é uma mentira, nós entendemos isso.

Mas quando fazemos algo é porque chegamos a um acordo através da comunicação entre todos nós, e uma coisa é falar e outra é fazê-la. Por exemplo, lembro-

¹⁵ “O Subcomandante Marcos é uma figura controversa dentro dos neozapatistas e para as autoridades do *mau governo*. Credita-se que a figura política que está sob o comando dos povos zapatistas do Sup Marcos, atual Galeano, seja personificada por Rafael Sebastián Guillén Vicente, ex-aluno da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM) e ex-professor de Filosofia da Universidade Autónoma Metropolitana (UAM), também na Cidade do México. Do ponto de vista dos zapatistas, o subcomandante Marcos não é uma pessoa específica, mas um ícone, um porta-voz, sem identidade pessoal, um encapuzado, e sem um rosto específico o zapatismo ganha uma concretude, uma potência, podendo ser e estar em diversos corpos e lugares. O Subcomandante Marcos se retirou da posição de porta-voz, reaparecendo na homenagem a José Luis Solís López, professor zapatista assassinado no dia 24 de maio de 2014, conhecido como Galeano. Em um comunicado surpreendente, “Entre la luz y la sombra”, subcomandante Marcos declara sua “morte” e o “nascimento” do Subcomandante Galeano. Disponível em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2014/05/25/entre-la-luz-y-la-sombra/>.

me de que muitas ONGs por aqui diziam: "Não vamos permitir" quando o Chedrahui¹⁶ veio aqui, para San Cristóbal de las Casas. E dissemos: "Não vamos comprar de lá". Essa promessa não durou duas semanas. Então, é uma coisa dizer algo e outra coisa é para fazê-la.

Agora, vou discutir com vocês algumas coisas que começamos a descobrir, enquanto trabalhávamos coletivamente, que é diverso e são várias coisas, não só o trabalho que tem a ver com a mãe terra diretamente. Começamos a ver as coisas sobre nossa resistência, começamos a descobrir.

Começamos a resistência com nossos companheiros e companheiras de nossas comunidades, e quero contar como nasceu a ideia de resistir. Naqueles dias em que nos levantamos contra o mau governo, começaram a usar, a utilizar pessoas para nos espionar – a "orelha", como chamamos, pessoas que ouvem o que os zapatistas fazem e como se movem. Então, se as companheiras e os companheiros perceberam que os professores e professoras estavam servindo como espiões os expulsam.

E aí começa outro problema, não há professores e professoras nas nossas escolas. Tivemos que inventar, imaginar criar. O governo, como mencionei anteriormente, começou a anunciar que ia levar muitos projetos. Era como se os outros comessem a invejar-nos, porque ficou claro para nós que estão dando o que estão dando porque o governo não quer que eles se tornem zapatistas. "Ah tá ", dissemos.

E é aí que as companheiras começam a dizer "Não", porque morreram companheiros insurgentes, da militância e da milícia em 1994¹⁷. Essas companheiras são as que começaram a dizer: "Se nos armarmos e saímos em luta e nossos companheiros morreram, por quê agora aceitamos as sobras, as doações, as migalhas que o mau governo dá?" Porque o que querem é comprar-nos como se estivesse comprando aqueles que ainda não são zapatistas, apenas para que eles não se tornem zapatistas.

A ideia começou a crescer e se multiplicar, que recusar-se a aceitar as coisas do mau governo era o mesmo que ser um combatente zapatista. E então começamos a descobrir que tinha que ser mais do que simplesmente não aceitar coisas. Digo isso porque foi quando começamos a ver que eles estavam dando muitos projetos aos partidários que começamos a articular o trabalho com a mãe terra. E quando começamos a reafirmar essa postura de trabalho, os companheiros e as companheiras disseram: "quando nossos

¹⁶ Nome de uma cadeia de supermercados mexicano. A empresa existe desde os anos 1970 e também tem filiais no sul dos Estados Unidos.

¹⁷ Sobre o levantamento zapatista de 1994, ver os textos de autoria dos próprios rebeldes : “ Primera declaración de la Selva Lacandona” (1994), disponível em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/01/primeradeclaracion-de-la-selva-lacandona/> , “Subcomandante Marcos: Nos hemos preparado em la montaña desde hace diez años”, disponível em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/04/subcomandante-marcos-nos-hemos-estado-preparando-en-la-montana-desde-hace-diez-anos/> e o texto já citado “Palavras do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena-Comandância Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional, 1 de janeiro de 2018”.

bisavós e bisavós estavam vivos, eles obtiveram feijão, arroz, óleo e leite a partir de panfletos eleitorais? Não, pelo contrário, todos os esforços do trabalho deles foram direto para o patrão, ou o dono da terra. E por que o governo agora vai dar-lhe um quilo de Minsa, Maseca¹⁸, feijão, etc.? Mais do que geneticamente modificado, é químico, não é leite de verdade.

Então foi aí que se disse que sim, devemos trabalhar a mãe terra, e começamos a realmente fortalecer a resistência. Aqueles de nós companheiros que entenderam isso rapidamente já têm feijão, milho, café, porcos, perus e outros animais. Aqueles que são partidários, recebem telhas de zinco, alicerces de madeira, cimento e outros materiais de construção de construção barata. Como eles não trabalham na terra, quando nossos companheiros precisam de alguma coisa e se oferecem para comprar o carrinho de mão, as telhas, eles imediatamente se rendem e vendem. Os companheiros compram essas coisas porque possuem renda, trabalham na terra.

Quando os companheiros perceberam o que estava acontecendo – é que nós indígenas somos muito pragmáticos: se vemos que algo funciona, então dizemos: "e agora nós fazemos também", porque já vimos que funciona. E assim, os companheiros colocaram mais vontade e fizeram mais esforços para trabalhar a terra.

E foi quando o governo começou a dizer que estava dando muitos projetos. "Olhe para todo esse telhado ondulado vermelho"¹⁹, eles contam a todos, porque a telha o que governo é sempre vermelha. E os companheiros zapatistas colocam no céu o vermelho também.

E o governo pensa: "todos esses vêm de nossos projetos", mas não é verdade, pois essas são as casas dos companheiros com as telhas laminadas que eles compraram. Percebendo o que estava acontecendo, agora eles tentam controlar as pessoas, forçam a mostrar que eles construíram suas casas com o material que o governo lhes deu²⁰. Foi o

¹⁸ O Grupo Minsa S.A.B de C.V é um dos principais grupos que controlam a cadeia do milho no México, com filiais também nos Estados Unidos. O grupo comercializa em geral, farinha de milho, massa para tamales, milho amarelo e azul. A Minsa foi recentemente comprada pela Bunge Alimentos, empresa do setor agroalimentar também presente no Brasil. A Maseca S.A.B de C.V, pertencente ao grupo GRUMA é a maior produtora de farinha de milho e tortilhas do mundo, controlando a armazenagem e distribuição do milho e seus derivados no México. O GRUMA está presente nos Estados Unidos, grande parte da América Central, Europa, Oriente Médio, Austrália, Equador, e algumas localidades da Ásia. Juntas, a Minsa (cerca de 25%) e a Maseca (mais de 70%) produzem mais de 90% da farinha de milho do mercado mexicano, no qual o milho é a base alimentar – matéria prima para tortilhas, tamales, pozoles e outras milhares de receitas do cotidiano de todas as partes do país. O consumo do país em 2016 foi de mais de 2 milhões de toneladas de farinha de milho. Para mais informações, ver "El mercado de harina de maíz en México. Una interpretación microeconómica" (2017), de autoria de Gustavo Vargas Sánchez, disponível em <https://doi.org/10.1016/j.ecin.2017.07.001>.

¹⁹ Em geral, as telhas laminadas no México são pretas ou vermelhas, que, coincidentemente, são as cores zapatistas.

²⁰ Além de muitas práticas semelhantes ao mau governo brasileiro, podemos pensar nas cores do céu de algumas pequenas cidades, em especial no Nordeste, onde as casas colocam uma bandeira de pano da cor representativa do partido da sua intenção de voto. Estampada em cada casa, por cada família, será lembrada após as eleições na hora da atribuição de cargos municipais, na distribuição de cestas básicas e auxílio a acesso a políticas públicas.

que os partidários começaram a fazer, já que eles têm acesso a esses projetos de habitação, porque, de outro modo, o material terminará na mão dos zapatistas, dizem eles. Para nós, nas comunidades zapatistas, vemos as condições dos irmãos partidários, e honestamente, companheiros e companheiras, irmãos e irmãs, deixa-nos muito triste ver como eles vivem, a amargura. Muitos jovens que conhecíamos já não vivem mais entre nós – saíram à procura do sonho americano, para encontrar aquele dinheiro verde, os dólares. E muitos não voltaram, e alguns que regressaram estão pura cinza, viciados em drogas, fumam maconha. E aqueles que não fumam maconha voltam com uma cultura diferente. Eles dizem que não querem mais beber pozol²¹, e pior, que nem sequer sabem o que é isso.

Então, o filho ou a filha retorna para casa, chegam à casa de seu pai, da sua mãe e está tudo igual, seus pais não estão indo bem, estão sentados de braços cruzados, pois o governo os acostumou assim. Têm seus cérebros programados para os auxílios que recebem do *Oportunidades*, que eu acho que eles agora chamam *Prospera*²². Ou seja, os irmãos partidários tornaram-se inúteis porque não trabalham mais na terra. Eu acho que a palavra para descrevê-los seria "*submissos*".

Pelo menos na época da escravidão, você tinha ciência de quem era seu patrão, seu dono, e de quem te escravizava. Neste caso não, porque te amansam, te acostumam, programam seu chip, sua cabeça, seu cérebro. Você não entende o que realmente está acontecendo e quem está por trás das coisas, não vê as caras de Peña Nieto ou Velasco²³, nem dos outros que vão seguir te enganando.

E por que eles fazem isso? Porque é a outra face da moeda que eles usam para obter o que eles querem, ou seja, a mãe terra, e extrair todas as suas riquezas. A força não é a única maneira que eles utilizam, não querem ter uma situação em que o exército e a polícia devam nos matar, mas o dia chegará quando eles entrarem em choque com as pessoas que não vão permitir isso que estão fazendo. Por enquanto, o que todas as políticas públicas fazem é deixar as pessoas acostumadas a elas, programando-os para que se acostumem a não trabalhar mais a terra. E a partir daí as pessoas se acomodam, e se já têm o título da terra, vendem.

Onde nossos irmãos partidários vivem, a terra está nas mãos de outros. É isso que o capitalismo quer, extrair tudo que há na mãe terra.

Quando dizemos que, nas comunidades partidárias, a situação é realmente triste, posso dar-lhe um exemplo. E espero que esses irmãos e irmãs estejam aqui agora para que

²¹ Pozol é uma bebida fermentada de cacau e milho típica do sul do México.

²² O Prospera (antigo Oportunidades) é um programa de assistência social fundado em 2002, com base em um programa anterior chamado Progreso, criado em 1997, projetado para reduzir a pobreza, fornecendo pagamentos em dinheiro a famílias em troca de frequência escolar regular, visitas a clínicas de saúde e apoio nutricional, semelhante ao programa social brasileiro Bolsa Família.

²³ Atual presidente dos Estados Unidos Mexicanos e governador do estado de Chiapas respectivamente.

possam confirmar tudo o que dizemos. Há uma comunidade perto de La Realidad, acho que se chama Miguel Hidalgo, perto da vila de Nuevo Momón. Até alguns meses atrás, os irmãos costumavam integrar a CIOAC-Histórica²⁴, e recriminaram o que foi feito ao nosso companheiro professor Galeano. Porém, semanas depois do ocorrido já estavam de acordo com o que aconteceu com o professor Galeano e agora são ex-cioaquistas. Eles não querem mais ser da CIOAC como costumavam ser por diferentes políticas partidárias, diferentes ideologias políticas na construção de um projeto; decidiram que era melhor se afastarem para não acabar matando uns aos outros. No entanto, vão a uma terra recuperada em 94 pelos zapatistas para refugiar-se, já que tinham sido expulsos de suas comunidades.

Já não há mais respeito: os líderes das organizações sociais têm muita responsabilidade nessa questão, porque não se unem, os homens e mulheres que participam dessas organizações já são uns vendidos, já não estão de fato organizados.

É por isso que dizemos: que a maneira como as coisas estão é desastrosa. Vou contar como o governo deixou essas comunidades, um fato que aconteceu talvez há um mês ou um mês e meio atrás. O governo disse que vai ter que diminuir os gastos com os programas sociais, e que nas comunidades eles recebem bolsas de estudo, embora os alunos não saibam ler ou escrever. Cada aluno recebia 1.000 ou 1.200 pesos mexicanos, e os pais que têm quatro filhos na escola recebiam assim seus 5.000 pesos e já haviam se acostumado com isso.

Talvez um mês ou um mês e meio atrás, as famílias começaram a receber bolsas de apenas 800 pesos referente a quatro filhos. E o que eles estão dizendo é: "Agora eles nos foderam." E sim, estão fodidos, irmãos. E o que podemos dizer? Assim funcionam os costumes indígenas, como se fossem telefones celulares, a palavra se espalha muito rapidamente. Se alguém está perdido, a comunidade se inteira rapidamente que alguém está perdido. Se alguém está doente, a comunidade rapidamente toma ciência. É como um telefone que chama e avisa.

Então nós, juntamente com os companheiros de outras comunidades, com as bases do movimento, realizamos uma reunião onde explicamos o quão pior a situação pode se tornar, e não apenas para nós os indígenas, mas para todo o México, no campo e a cidade - e não somente no México. Como zapatistas, temos familiares que não são

²⁴ CIOAC-Histórica é a sigla da “*Central Independente Obreros Agrícolas y Campesinos*” (Central independente de trabalhadores agrícolas e camponeses, em português). Antes *Central Campesina Independiente* (CCI) e após 1975, CIOAC, a entidade representa o setor *ejidário*, trabalhadores e trabalhadoras agrícolas e sem terras. Nos anos 1970 e 80, sua principal pauta era a reforma agrária radical. A CIOAC foi fundada em Chiapas por indígenas *tojolabales*. As organizações camponesas de Chiapas tiveram forte atuação nos anos 70, 80 e 90, e foram, de alguma maneira, o catalisador para uma ampla mobilização social frente a um contexto social de governos autoritários, funcionários políticos corruptos e arrogantes e sindicatos cooptados. Foi através da CIOAC que muitos grupos sociais expressaram seu principal descontentamento contra o governo do PRI, mas também de onde surgiram grupos paramilitares que lutaram contra o próprio povo indígena e o campesinato.

zapatistas, algumas famílias que são boas e outras que não querem nada com a gente. Podemos reconhecer aqueles que nos entendem, que não estão contra nós, conversamos com eles, ou seja, a base, sobre a situação que estamos todos vivendo.

E assim começa a se espalhar os boatos que a conjuntura política que vivemos está ruim; e nossa gente, nossas comunidades começam a nos contar que sim, a situação está difícil, que já chegaram os funcionários do governo mostrando as contas que temos que pagar pagar, já chegaram com nossos boletos. E é assim que as informações começam a surgir.

E estão nos estamos perguntando que podem fazer. E dizemos: organizem-se, irmãos e irmãs.

Mas o que vamos fazer nesta organização? Reflitam.

E como vamos fazer para refletir? A partir de como vivemos é que pensamos.

E outra coisa que vemos nas vidas dos partidários é que as crianças não têm culpa da situação que se encontram. Além das más orientações do governo, as crianças estão abandonadas.

Quem sabe o que acabará acontecendo com eles? Ou talvez eles acordem quando percebam o que vai acontecer, mas para isso pensamos que muitas coisas terão que acontecer. Eles vão se tornar trombadinhas, bandidos, ladrões de milho, feijão, de tudo e, pior, se forem viciados em drogas. Existem comunidades em que existem muitos maconheiros, não estou mentindo. Por isso digo que as crianças estão abandonadas como galinhas no terreiro.

Tudo isso que estou contando é sobre como vivemos. Cada um aqui sabe como vive, de onde vêm e onde vivem. O único que estamos apontando aqui é que já estava na hora de colocarmos na prática o que idealizamos, e não estar falando só por falar.

Pode ser um mal exemplo este que vou citar, os crentes já gastaram em suas mãos a bíblica, como dizem, de tanto estar lendo, lendo lendo enquanto companheiros morrem, e somente gritam justiça e liberdade, e não a injustiça, mas isso é só falar; assim como os políticos, que só falam.

Então, companheiros, companheiros, irmãos e irmãs, não estamos dizendo para vocês organizarem um levante armado. E também não estamos dizendo para você tomar nosso exemplo e copiá-lo. Não. Todos nós temos que estudar nosso próprio lugar e ver o que é possível fazer, no entanto o que todos nós precisamos fazer é colocar as coisas em prática.

Por exemplo, é como quando dizemos que o que queremos construir são coisas seculares, que perdurem séculos e séculos, e para sempre. E então nos perguntamos: "Como vamos fazer isso? Se as lutadoras e os lutadores zapatistas mais antigos não prepararem seus filhos e filhas, isto é, se eles não prepararem a nova geração, aqueles que têm 19 e 20 anos agora, veremos que daqui a 50 ou 60 anos o neto do ex-general Absalón Castellanos Domínguez²⁵, ex-governador da Chiapas, estará de volta e será aquele que ditará como nossas comunidades devem viver se essa nova geração não estiver preparada. E essa nova geração precisa preparar a que vem depois, que vai nos suceder, e assim por diante, para que o que criamos possa durar séculos e séculos e para sempre. Mas se isso não acontecer, não vai durar.

Uma das bases da nossa resistência econômica zapatista é a mãe terra. Nossas casas não foram construídas pelo *mau gobierno*, nada de concreto doado, e entretanto temos saúde, educação. Estamos onde o povo manda e o governo obedece.

Quando paro um pouco para pensar sobre o que quero dizer para vocês, o que estou pensando, é que uma coisa é falar sobre nossa situação econômica e outra sobre como estamos governando. É difícil para mim explicar isso porque não fazemos da mesma forma em todas as comunidades.

Um exemplo: quando é tempo de vender, seja milho, feijão ou gado, os companheiros organizam-se coletivamente para atuar como uma espécie de intermediário para competir com os atravessadores.

Por exemplo, sou zapatista, averiguo por quanto o meu companheiro intermediário está vendendo café, ou gado, ou milho por atacado – ele deve estar pedindo agora creio eu algo em torno de 23 pesos por um quilo de café. Eu, como zapatista, investigo o quanto os atravessadores estão vendendo o café no varejo, e vejo que ele está vendendo por 40 pesos.

O que eu faço então é calcular os custos de transporte e quanto posso cobrar pelo meu café, se eu for vender varejo. Se o atravessador estiver pagando 23 pesos pelo quilo, então eu como zapatista intermediário vou pagar pelo quilo de café dos meus companheiros pelo menos 24 pesos. E assim, os produtores zapatistas comparam os preços, assim como

²⁵ O ex-general do exército e ex-governador foi sequestrado e preso em Chiapas pelos zapatistas no levante de 1994. Após a realização de um tribunal popular zapatista, foi julgado e considerado culpado por crimes de tortura, assassinato, corrupção, sequestro, roubo, saqueio e despejo, violando os direitos humanos indígenas. Sua sentença é de prisão perpétua e trabalhos comunitários em uma comunidade indígena de Chiapas. No entanto, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) soltou Castellanos Domínguez, condenando-o a "viver até seus últimos dias com a vergonha de ter recibo perdão por aqueles que por tanto tempo humilhou, sequestrou, explorou, roubou e assassinou" em troca de centenas de indígenas zapatistas presos por crimes políticos. ver o informe "Conclusiones del juicio popular seguido para establecer responsabilidad del señor general de división Absalón Castellanos Domínguez" (1994), disponível em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/20/conclusiones-del-juicio-popular-seguido-en-contra-del-prisionero-de-guerra-de-nombre-absalon-castellanos-dominguez-general-de-division-del-ejercito-federal-mexicano/>. Curiosamente, um dos netos de Absalón Castellanos Domínguez leva seu nome.

os partidários, e agora o coioite já não tem seus clientes. Então, o atravessador descobre que estou pagando 24 pesos e ele está pagando 23 pesos, então ele tenta competir com os preços zapatistas começa a pagar 24 pesos. Então, o que o zapatista fará é calcular novamente, ver se ele ainda pode aumentar seu preço de compra e oferece 25 pesos pelo quilo de café. É uma competição de atravessador para atravessador, me entendem? E assim vamos lutando.

Ao mesmo tempo, os partidários ficam nos observando: “os zapatistas pagam mais, um peso a mais”. É assim a vida nas comunidades. É por isso que eu digo que não há apenas uma maneira de fazer as coisas, você precisa descobrir um caminho, há que buscar o seu... E isso também está relacionado à economia de uma comunidade autônoma.

Por exemplo, sob autonomia, tudo estava caminhava bem na saúde, na educação e na agroecologia, as três áreas, curandeiros, parteiras, plantas medicinais. Projetos sociais começaram a chegar, doações dos nossos companheiros e companheiras em solidariedade começaram a chegar. Mas quando essas doações e projetos de ONGs diminuíram, a organização do processo autônomo enfraqueceu, principalmente nas áreas da educação e saúde.

Então percebemos que falhamos porque, como dizer, começamos a gostar de consumir e gastar recursos que não foram conseguidos por nós mesmos, que vinha do nosso suor, como dizem os companheiros. Porque quando se trata do seu próprio suor, você cuidará bem, você não vai gastar isso, como quiser. Então percebemos que o que estávamos fazendo não estava certo e temos que remediar.

Quando tentamos corrigir a situação, encontramos outro problema. Muitas coisas que fazemos, a maneira que nos organizamos, não pensem que fazemos porque temos uma boa imaginação, porque somos superpotências ou super qualquer outra coisa. Não, companheiros, companheiros, irmãos, irmãs. Vamos inventando, criando. Nós resolveremos os problemas à medida que surgem e o que realmente acontece é que simplesmente não paramos de tentar até que encontremos uma resposta.

Nós não ignoramos o problema, temos que resolvê-lo e a vantagem é que nós mesmos somos os únicos a buscar a solução, não dependemos de nenhum órgão governamental. Se estamos indo mal é porque todos vão mal. Se estamos bem, é porque então todos estão bem.

Devemos corrigir essa situação sobre os projetos sociais e as doações, e quando descobrimos como corrigi-la, as pessoas que são apoiadas pelos projetos começaram a ficar infelizes. Porque dissemos: "Precisamos ser capazes de reproduzir isso. Não podemos simplesmente gastar e comprar. Precisamos pensar sobre como nos (re)produzir quando chegar o dia em que não exista mais projeto e doações de nossos irmãos e irmãs, companheiros e companheiras solidárias, e assim conseguiremos resistir como antes.

Esse erro que cometemos, esse fracasso econômico fez com que nos lembrássemos dos velhos tempos de clandestinidade, porque naquela época fomos capazes de construir clínicas enquanto ainda éramos clandestinos e não sabíamos que um dia teríamos e nos uniríamos com companheiros e companheiros do continente asiático, dos cinco continentes. Nunca sequer sonhávamos, e no entanto, conseguimos essas façanhas, não através da solidariedade, mas através do suor. Então, começamos a conversar com os companheiros sobre isso, e recuperamos essa prática e começamos a trabalhar e é assim que estamos fazendo agora.

Por isso é necessário nos reeducarmos, reorganizarmos, pois, a tormenta²⁶ está chegando. Companheiros e companheiras, podemos vir aqui e dizer muitas coisas. Não é muito fácil, mas é importante estarmos a par do que está acontecendo, e essa mensagem é importante deixar.

Contarei algo mais sobre o trabalho coletivo que está acontecendo há cerca de dois ou três meses. Estamos nos reorganizando, como dizemos, reeducando-nos, então devemos fazer o possível para fortalecer o trabalho coletivo para que entendamos como vamos mudar ou como vamos lutar.

À medida que os companheiros vão realizando suas assembleias nas comunidades, regiões, municípios e zonas, um companheiro zapatista diz, “companheiros, companheiras, não vou juntar-me a vocês em trabalho coletivo porque não vejo nada lá para mim, porque não é daí que vem o meu sal, que compro meu sabão. Não quer dizer que não vou continuar na luta – continuo sendo zapatista e, se precisarmos contribuir com a luta, estou de acordo.”

Então, outros companheiros o alertam: "Companheiro, você está errado no que está dizendo. Você deve se lembrar do que você é, você é zapatista, e agora não estamos apenas discutindo o trabalho coletivo, também estamos discutindo o que significa ser zapatista. O zapatista tem que enfrentar tudo. Se você diz que não quer fazer parte do trabalho coletivo, porque nos toma quatro, três, cinco dias; então, o que você terá que fazer é trabalhar nos Municípios Autônomos Zapatistas em Rebelião, e a dedicação a esse serviço é de três anos, enquanto com o trabalho coletivo que estamos falando aqui é de três, quatro dias. Pense sobre o que você está dizendo.”

E estão em uma assembleia, assim como eles estão todos reunidos agora, o filho de um companheiro diz: "Meu pai fala que eu sou um falso promotor da saúde e que eu nem sei como dar a alguém uma aspirina. Isso é o que ele me diz por que ele quer que eu deixe meu cargo como promotor de saúde para que eu possa ir embora para estudar ", que

²⁶ Sobre a tormenta e a crise capitalista para os zapatistas, ver o texto “ La Tormenta, el Centinela y el Síndrome del Vigía”, que assim como o texto aqui traduzido fez parte do seminário e livro “ El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista”, <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2015/04/01/la-tormenta-el-centinela-y-el-sindrome-del-vigia/>

eu saia da escola autônoma e vá não sei onde estudar ..." Mas a cada quando meu pai fica doente, ele vem e me pede para lhe dar um remédio ".

Digo-lhes esta história, companheiros, para que possam ver que o ponto chegamos e o objetivo não é desistir, sair, mas sim dizer não, e encontrar limites e saídas. Confrontá-lo, fazê-lo, encontrá-lo, inventá-lo, criá-lo. É disso que se trata.

Então pense nisso. Você viu que trabalhamos na terra, e os guardiões e guardiãs²⁷ tem nos direcionado para isso. "Então como os zapatistas trabalham a terra? Os zapatistas não migram?" Lembre-se apenas da história que eu falei sobre o companheiro e a base do movimento, que disse que não queria fazer trabalho coletivo, e aí criam-se os problemas. Nesse caso, você se "auto-expulsa", porque por aqui, ser zapatista significa enfrentar tudo e, alguns já não querem e se afastam. Aqueles que nos deixam já não querem mais construir a luta, ou seja, abandonaram a organização.

É por isso que, dado o pouco que trabalhamos economicamente, não pagamos por eletricidade, água, arrendamento da terra, nada. Mas também não recebemos nada do sistema. E como já foi dito, mas para afirmá-lo aqui, parte do motivo pelo qual fazemos o nosso trabalho coletivo na zona, região, município ou comunitário, é porque sempre temos um norte a seguir, porque precisamos nos mobilizar para apoiar os irmãos, irmãs, companheiros, companheiras; mas não nos mobilizamos para exigir que o governo cumpra suas promessas, não geramos gastos para isso.

²⁷ Os "guardiões" ou "votanes" são zapatistas que acompanham cada aluno da Escola Autônoma Zapatista durante a sua permanência no território zapatista.